

Sesc e Senac fizeram a entrega de novas unidades no eixo Cohab/Forquilha

● PÁGS. 4 e 5



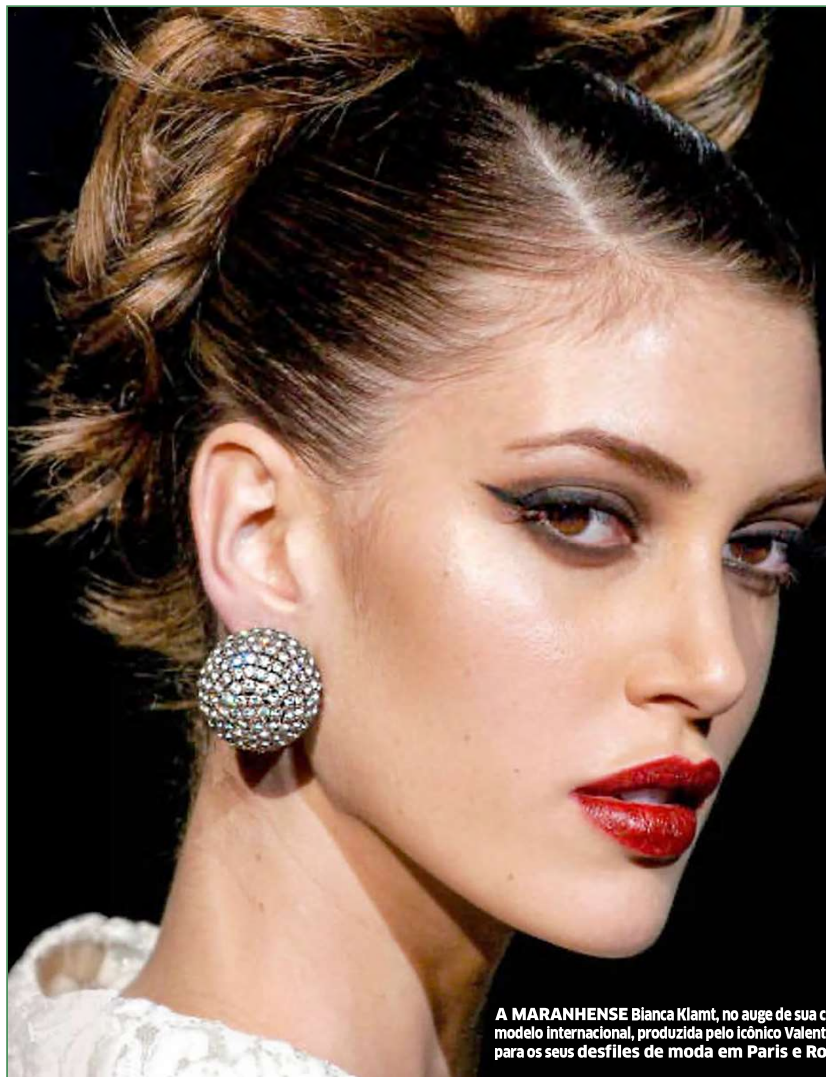
O presidente da Fiema, Edison Baldez, e o Repórter PH com Ana Célia e o presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó, na inauguração das novas unidades do Sesc e do Senac, na Cohab-Forquilha

Bela de sempre, Lylia Waquim festejou sua nova idade reunida com a família e amigos

● PAG. 7



Fotos/Divulgação



A MARANHENSE Bianca Klamt, no auge de sua carreira como modelo internacional, produzida pelo icônico Valentino Caravani, para os seus desfiles de moda em Paris e Roma

PAG. 2 e 3



Sei que é feio o hábito de espiar a vida alheia, mas não fiz por querer. A noite estava tão quente que sufocava qualquer ensaio de brisa. O mundo parou, pensei. Nada se move, nada pulsa e talvez eu seja a insone miragem de mim mesmo. Mas aí olhei para a rua e lá estavam, no retângulo iluminado de uma janela, as duas irmãs. E como conversavam e eu podia perceber seus gestos e quase ouvir o ruído de um ventilador, concluí que o universo ainda respirava.

Disse que eram duas irmãs porque mesmo a distância se lia isso em seus traços. A irmã mais velha, de pé, cortava o cabelo da irmã mais moça, sentada diante de um espelho. Notei logo que uma era a irmã mais velha porque havia algo de levemente cansado em seu olhar e talvez no modo com que segurava a tesoura e o pente e ia vendo as madeixas caírem no chão. E também porque quem usa essa palavra madeixa, mesmo nos devaneios tolos de quem a observa de longe, só pode ser a irmã mais velha.

A irmã mais moça iria a um baile. Tem bailes em São Luís em janeiro? Ainda tem bailes em São Luís? Contemplei a irmã mais moça e deci-

SOLIDÃO

é como quem vai cortando um a um seus sonhos, secretos prazeres sem reprise

di que sim. Era evidente que ela se entregava aos cuidados da outra porque certas tarefas cabem às irmãs mais velhas. As irmãs mais moças têm por dever ir a bailes, ir a um café, ir a um show, ir a um encontro, de preferência bem produzidas pelas irmãs mais velhas.

Houve um momento em que a irmã mais moça, com um gracioso meneio de cabeça, um sorriso aliciente nos lábios, voltou-se para a irmã mais velha. Ela está perguntando por que as duas não vão juntas. Ela está dizendo que tudo vai ser muito agradável e divertido e que

conhece um cara sensacional com que certamente estará lá.

Mas a irmã mais velha fez não com a cabeça. A irmã mais velha falou para a mais moça que tornasse a ficar de frente para o espelho. E então se concentrou com infinita aplicação nos cabelos da irmã mais moça, como se estivesse tratando dos seus em um tempo ido, como se fosse ela que estivesse sentada diante do espelho. E lhe pareceu que eram os seus próprios cabelos que cortava, assim como quem vai cortando um a um

seus sonhos, seus 20 anos, certos secretos prazeres sem reprise.

Quando terminou, a irmã mais moça saiu por uma porta ao fundo e a irmã mais velha ficou se olhando no espelho por um minuto e aí pegou um número atrasado da Caras. Folheou distraída a revista, depois ligou um filme que estava para lá da metade e pensou se ela não estaria também para lá da metade.

A irmã mais moça reapareceu elegantíssima num vestido negro e falou algo à irmã mais velha, quem sabe voltando a sugerir que fosse junto, mas a irmã mais velha fez não com a cabeça. Uma buzina soou na rua, ela ainda insistiu com a irmã mais velha, mas a irmã mais velha sorriu, pegou de novo a revista. E quando o carro arrancou pôs de lado a revista e ficou olhando o filme, sem ver.

Sou apenas um cronista trivial, que faz suas divagações nos fins de semana, mas não pude deixar de pensar que é assim que a Terra gira. Umas pessoas são convidadas para a festa da vida, e vão. E outras pessoas também são convidadas, mas não aceitam, pois precisam fazer companhia à solidão.



As criações de Valentino fizeram dele o estilista preferido de personalidades como Jacqueline Kennedy Onassis

VALENTINO (1932-2026): O “ÚLTIMO IMPERADOR” DA MODA ITALIANA VIVEU PARA A BELEZA

Esta história costura-se a rosso Valentino. Da obsessão com o vermelho à missão de trazer beleza, Clemente Ludovico Garavani encontrou o seu lugar na história da moda. E só com o seu nome próprio.

A epifania aconteceu quando Valentino Garavani era ainda adolescente. Estava sentado na Ópera de Barcelona, no palco estava Carmen, mas o jovem de 17 anos só via uma coisa: o vermelho das roupas das bailarinas, o vermelho do interior das cortinas e as mulheres sentadas na plateia vestidas de vermelho. Já era obcecado com a ideia de beleza e ali percebeu que o seu legado na alta-costura seria desenhado a encarnado.

Itália chora agora na despedida do seu “último imperador” e do maior costureiro das últimas décadas.

Era quase um ato de superstição. Desde a primeira coleção, havia sempre um vestido vermelho para dar sorte. “Uma mulher deve atrair todos os olhares ao entrar numa sala”, dizia, sem pudores. E reiterou em outra ocasião sobre os seus designs: “Quero ouvir as pessoas

dizerem: ‘Isto é demais.’” A sua visão era ambiciosa, mas aparentemente simples de concretizar. “O que as mulheres desejam? Ser belas”, resumiu.

A mesma espetacularidade aplicava à sua própria definição, sem medo de parecer presunçoso ou vaidoso. “Sou a Rolls Royce da moda”, disse numa das suas primeiras entrevistas ao Herald Tribune. Não só era, como parecia um criador de luxo, chegando a desfocar os holofotes do seu trabalho, desviando-os para si próprio pela sua excentricidade com “guarda-roupa impecável, o cabelo perfeitamente alinhado, o rosto trabalhado numa serenidade implacável, o bronzeado profundo e permanente”, enumera o Business of Fashion (BoF), que resume: “Tudo isso demonstrava um homem com auto-estima meticulosamente construída.”

A notícia de sua morte, na última segunda-feira, dois dias após a inauguração de uma nova exposição de Joana Vasconcelos na Fundação Valentino Garavani e Giancarlo Giammetti, em

Roma, foi inesperada – ainda que o criador estivesse resguardado da esfera pública há algum tempo. Morreu no Palazzo Mignanelli, em Roma, rodeado dos seus “entes queridos” aos 93 anos, anunciou o comunicado oficial divulgado nas redes sociais. “Tinham-me dito que ele ia ver a exposição na próxima semana”, reage Joana Vasconcelos. “Tenho pena de não ter chegado a vê-la.”

Joana Vasconcelos conheceu Valentino em 2018, quando o italiano visitou o atelier da artista, em Lisboa, onde organizou uma festa de aniversário. “Ele disse em entrevista que o meu atelier está organizado como um atelier de alta-costura e percebi que tinha uma relação muito forte com a moda. Em comum, tenho uma grande respeito e gosto pelo feito à mão e a valorização do belo”, observa a portuguesa. E acrescenta: “Aquele que ele fazia era trazer beleza à vida das pessoas que adoravam a sua roupa. Sem dúvida, trouxe beleza ao mundo e vai ser lembrado por isso.”



Nos últimos anos, a ascensão do tapete vermelho ajudou Valentino, porque foi isso que definiu suas roupas. Não eram roupas que você vestia para ir ao escritório – eram vestidos realmente fabulosos

Aprendiz no berço da alta-costura

É um sonho concretizado para Clemente Ludovico Garavani, nome de nascimento daquele que ficou para a história da moda apenas com um nome próprio. Valentino. Nasceu em Voghera, região da Lombardia, em 11 de maio de 1932, filho de um vendedor de produtos elétricos, Mauro, e de uma dona de casa, Teresa, que lhe dizia para deixar de pensar “em coisas inúteis”, contou o entrevistado. “Quando criança, eu era um sonhador: sonhava com estrelas de cinema e muitas outras coisas belas”, confessava, recordando como a mãe, apesar de severa, o inspirou com a sua imagem. “Ela dizia que era melhor ter poucas coisas, mas bem-feitas.”

O filho imitou-a nesse requinte e não escondia ter sido uma criança mimada. “Eu era o único menino em Voghera que ia a um sapateiro para mandar fazer sapatos sob medida”, confessaria, falando também dos pulveres de caméxira que eram feitos de propósito para ele. “As coisas belas acompanhavam-me desde os dez anos”, reconhecia.

Com a tia Rosa, que era costureira, começou a fazer os primeiros vestidos para a prima levar aos serões no Teatro Sociale, em Voghera. A obsessão pela costura foi tal que chumbou na escola e chegou a ir estudar em Milão. Mas a moda italiana era pequena demais para os seus sonhos de alta-costura. Foi atrás deles.

Tinha 17 anos quando se inscreveu na École des Beaux-Arts da Chambre Syndicale de la Couture

Parisiense, onde se cruzou com os maiores nomes da moda, de Christian Dior a Cristóbal Balenciaga, Hubert Givenchy, Jean Dessès e Guy Laroche. Ao mesmo tempo, tinha aulas de francês para se “livrar” do sotaque italiano (diz-se que sempre falou francês com o parceiro de negócios), enquanto se aventurava pela alta sociedade parisiense, onde absorvia a sutileza dos melhores tecidos.

Foi com Dessès e Laroche que deu os primeiros passos, ainda em Paris, onde percebeu que era mesmo alta-costura o que queria fazer. “Comparo-o muito a Balenciaga porque também ele é estrangeiro e fez carreira em Paris. Mas o Valentino imprimiu a ousadia italiana. É menos bem-comportado do que os restantes porque tem um toque de paixão de Roma”, elogia Maria João Martins, jornalista de moda e professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. “Acho que deixa esse legado de grande exigência e rigor, mas também de uma paixão extrema.”

Talvez por o coração ter falado mais alto, Valentino regressou a Roma em 1959 e, com ajuda de um amigo, abriu o seu atelier na Via Condotti. Curiosamente, Elizabeth Taylor estava na cidade para filmar Cleópatra e foi uma das suas primeiras clientes. Apesar do sucesso comercial, o negócio estava à beira da falência quando, em julho de 1960, conheceu o seu salvador num bar da Via Veneto.

Adeus ao mestre da alta-costura

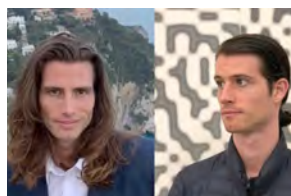
“Valentino, mestre indiscutível de estilo e elegância e símbolo eterno da alta-costura italiana. Hoje, a Itália perde uma lenda, mas o seu legado continuará a inspirar gerações. Obrigado por tudo”, reagiu a primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, através do X.

E a ministra do turismo, Daniela Santanchè, acrescentou: “Deixa-nos mais um mito. Valentino criou moda. Costurou a sua narrativa, coloriu o desejo e engrandeceu a imagem da Itália no mundo. Agora, o seu vermelho irá colorir o céu.”

Donatella Versace também aproveitou as redes sociais para deixar uma mensagem de pesar. “Perdemos um verdadeiro mestre, que será sempre lembrado pela sua arte. Os meus pensamentos vão para Giancarlo, que em todos estes anos nunca se afastou. Valentino nunca será esquecido”, escreveu no Instagram.

Curiosamente, Valentino morreu no último dia da Semana da Moda masculina de Milão, apenas seis meses depois da morte de Armani, aos 91 anos. O criador de Roma tinha-se despedido da passerelle em 2007, e Giorgio Armani homenageou-o com um vestido vermelho no seu desfile.

A marca própria nasceu em 1959, quando Valentino resumiu a sua intenção: “O que as mulheres desejam? Ser belas.” Foi para isso que trabalhou incessantemente nas décadas seguintes, na passerelle onde tornou o vermelho a sua assinatura, mas também na sua ligação a Hollywood – sendo que Elizabeth Taylor foi uma das primeiras clientes do atelier da Via Condotti, em 1959.



Discretos, os irmãos Anthony e Sean Souza são filhos de Carlos Souza, embaixador global da marca Valentino, e da socialite Charlene Shorto

Fotos/Reprodução



Giancarlo Giammetti

Giammetti: a sombra de Valentino

Giancarlo Giammetti tinha só 21 anos e era estudante de arquitetura, mas ficou impressionado com a figura de Valentino, então já anunciado como uma promessa da moda italiana, tinha então 28 anos. “Ele era magro, bastante tímido, um jovem com olhos extraordinários. Parecia mais um estudante universitário do que um herói de conto de fadas. Mas era o Valentino”, contou, anos depois, confessando que deixou o sonho de ser arquiteto para seguir o amor.

Os dois foram namorados apenas até 1972, ainda que se tenham mantido parceiros de negócios e amigos próximos durante toda a vida – uma das relações mais bem sucedidas do mundo da moda. Giammetti já estava ao lado de Valentino quando, em 1962, o criador organizou o seu primeiro desfile no emblemático Palazzo Pitti, em Florença. Pouco depois, mudou os desfiles para Roma e surpreendeu, em 1968, com uma coleção totalmente em branco – que chocou no meio da loucura daquela década.

E nessa coleção que mostra o icônico V, pela primeira vez, numas botas de cano alto. O BoF escreve como assim se tornou o pioneiro da logomania. Reza a lenda que foi uma cliente especial a convencê-lo a concretizar essa manobra, considerada arrojada. Quem era? Nada mais, nada menos do que Jackie Kennedy, que o costureiro tinha conhecido em Nova York, anos antes. O sucesso dele também tem essa mulher por trás. Ela começou a usar os vestidos dele pelo mundo e aí o Valentino estava lançado. Não tenho dúvidas de que ele é o grande costureiro italiano.

Alguns criticaram Valentino por ser comercial demais (crítica frequentemente feita à moda italiana), mas o sucesso foi inegável quando Jackie Kennedy usou um dos vestidos da sua coleção para o casamento com Aristóteles Onassis, em 1968. O criador havia de confessar que recebeu quase 400 encomendas desse mesmo vestido de renda marfim. “Não tínhamos ideia, apenas sabíamos que ela [Jackie] tinha comprado alguns vestidos. Então, numa manhã, fomos acordados por jornalistas, enlouquecidos, a querer saber tudo sobre o casamento”, contou Giammetti ao La Repubblica.

Seria a primeira de muitas celebridades que se tornariam musas para Valentino, que não só vestiu figuras importantes da realeza, como a princesa Diana ou a rainha Sofia da Espanha, de quem era quase o criador oficial, como se orgulhava de ver seis atrizes icônicas – Julia Roberts, Jessica Lange, Cate Blanchett, Mercedes Ruehl, Sophia Loren e Jessica Tandy – a vencer um Óscar vestidas com criações suas. A sua proximidade ao cinema era tal que chegou a fazer uma participação no filme O Diabo Veste Prada, em 2006, ao lado de Meryl Streep – e do qual participou a brasileira Gisele Bündchen, cuja carreira no cinema ficou limitada a essa participação.



Fotos/Reprodução

Valentino: vermelho até ao fim

Esta história não se escreve em outro tom que não vermelho, cor que registou como Rosso Valentino, e que não pode ser utilizada por outra casa de moda. Fixou-se na Place Vendôme, em Paris, como o “mais parisiense de todos criadores italianos”, assim o define a imprensa italiana, e era nessa Semana de Moda que apresentava as suas coleções – apesar de Roma ter o seu coração. “Em Itália, há o Papa — e há Valentino”, dizia Walter Veltroni, presidente da câmara de Roma, em 2005 num perfil para a revista The New Yorker.

Em 1998, Valentino vendeu a sua empresa a Maurizio Romiti por 300 milhões de liras italianas (hoje, o equivalente a 154 mil euros), mas manteve-se na empresa, assim como Giancarlo Giammetti, atualmente com 83 anos, que ficou sempre como responsável pela gestão. Em 2002, a marca foi novamente adquirida pelo grupo Marzotto, que se diz que o terá pressionado a reformar-se para dar lugar a um criador mais jovem – foi substituído por Alessandra Facchinetti e, pouco depois, por Pierpaolo Piccioli e Maria Grazia Chiuri.

Em 2006, recebeu a Legião de Honra em Paris e reformou-se no ano seguinte com uma grande festa em frente ao Coliseu de Roma, que custou

40 milhões de euros. Em 2008, foi lançado o documentário o Último Imperador, título que o próprio reprovou por achar que Valentino não era nome de imperador – ainda que a sua história e a sua vida se assemelhassem à de um dos romanos.

E foi assim que viveu também a sua reforma, onde manteve o hábito das grandes festas no Château de Wideville, nos arredores de Paris, ou no Palazzo Mignanelli, em Roma. Acompanhado dos seus cães de raça pug, que comparava aos filhos que nunca teve, assistiu de longe ao renascimento da sua casa de moda, agora propriedade do fundo de investimento Mayhoola, do Qatar, e com assinatura criativa do excêntrico Alessandro Michele. “O Valentino percebeu que este mundo da moda já não era o dele e cortou completamente relações com a marca”.

Manteve-se ligado à Fundação Valentino Garavani e Giancarlo Giammetti, que continua a honrar o seu legado na moda.

Valentino morreu aos 93 anos, mas o legado de beleza que deixou viverá (para sempre, arriscamos) na história da moda. Parece que só lhe faltou cumprir um pedido que Jackie Kennedy lhe tinha feito em 1966: “Valentino: Viva cem anos!”



A história de Valentino não se escreve em outro tom que não vermelho, cor que registou como Rosso Valentino, e que não pode ser utilizada por outra casa de moda

Vermelho é a cor da paixão

Sedução, elegância e personalidade são expressões que remetem ao vermelho em seus vários tons – do mais profundo e apaixonado à delicadeza da estampa liberty, com seu floral miúdo.

Valentino criou o vermelho como evocação do allure (bom gosto e pura elegância). O estilista italiano, que fez carreira nas passarelas de Paris – e ganhou os olhos do mundo em 1968 com sua haute couture “branca”, deixou-se apaixonar pelo rosso (reza a lenda) contagiado por Diana Vreeland, da Vogue América, durante estadia em Barcelona.

O vermelho Valentino tornou-se uma celebração: dos longos dramáticos assinados pelo mestre à evocação de divas cinematográficas, que inclui Audrey Hepburn em Funny Face (1957), linda e majestosa no longo tomara-que-caia (Givency) emoldurada pela écharpe em museline.

Impossível resistir à atração que o vermelho exerce, espécie de reinado particular sobreposto a tendências.

Clássico e requintado, contemporâneo e por vezes surpreendentemente discreto, ou sexy e atrevido.

No verão passado, o vermelho se manteve em cena, mais que perfeito também nos acessórios, dos relógios esportivos às bolsinhas de noite e escarpins poderosos e classudos. Elizabeth Banks (Armani Privé, no Oscar 2009), Eva Mendes (Dolce & Gabbana), Natalie Portman (Lanvin) e Liz Hurley (Valentino) causaram frisson no Festival de Cannes, em maio de 2010 – e este Repórter PH estava lá para conferir – com seus vestidos vermelhos reinando sobre o red carpet em sinfonia monocromática, em acorde antimonotonia.

Tanta paixão tem seus códigos de uso pela sutil fronteira entre elegância e vulgaridade. O vermelho para noites de glamour dispensa excesso – joias delicadas e limpas, sandálias de tiras finas e decotadas. Fendas ou decotes são bem-vindos em silhuetas esguias. O andar deve ser naturalmente elegante. O vermelho exige uma

rendição incondicional pela cor, de forma a causar impacto, não choque.

Eterno, nas passarelas verão 2010 de Paris e Milão o vermelho surgiu em longos diáfanos da Bottega Veneta e Dior (Galliano), em modelitos curtos por Lanvin e Valentino, em versões sexy-sexy Dolce & Gabbana (decotes vertiginosos e estampa de onça), em drapeados discretos e minimalistas de Roland Maurer, no longo esvoaçante e padrão liberty de Stella McCartney.

O vermelho é também um estado de espírito, ora esufuzante, ora dramático. Mas pode ser um curinga em look basquinhão, trocando a camiseta preta por uma polo red, de corte mais feminino

Os longos em vermelho exibem efeito máximo. Os vestidos diáfanos, que acompanham o movimento do corpo, devem ter corte perfeito, poucos detalhes e joias discretas. O red protagoniza a cena e dispensa acessórios chamativos. Itens como bolsas e sapatos em vermelho devem ser de qualidade e mais clássicos (não antigos)

Convites do PH Revista

Nos dias 29 e 30 de janeiro, sempre a partir das 18h – e até as 22h – uma grande equipe comandada por este Repórter PH e Teresa Martins, estará a postos no Rio Poty Hotel & Resort, para fazer a entrega das camisetas-convites para o almoço de confraternização, em clima pré-carnavalesco, do PH Revista. O horário nos dias 31 de janeiro e 1º de fevereiro (sábado e domingo) será das 10 às 18h.

As camisetas para o Baile dos Sonhos, este ano inspirado no Carnaval de Veneza, são de uso obrigatório pelos convidados para terem acesso à festa. E são pessoais e intransferíveis. Ou seja, não adianta passar a camiseta para terceiros, pois quem não tiver o nome na lista de convidados, terá o acesso negado.

Esse encontro, que reúne o creme do creme da sociedade maranhense e convidados de outros estados, acontece sempre no sábado magro de Carnaval, e é exclusivamente para convidados.

Produção do Almoço do dia 7

Para a confraternização deste ano, que acontece no dia 7 de fevereiro, no Palazzo Eventos, no Aragari, a designer Cintia Klamm Motta está desenvolvendo como tema da decoração, uma releitura do Carnaval de Veneza, incluindo elementos da cultura maranhense.

Cintia projetou uma ambientação inspirada na história secular do carnaval veneziano, com o mesmo charme e glamour do Baile dos Sonhos, o mais tradicional da linda e misteriosa cidade italiana.

É assim que ela pretende compor o cenário da grande prévia do nosso Carnaval, considerada o momento de maior charme, elegância e glamour da temporada pré-carnavalesca nesta Capital.

Genialidade

Nicolau Maquiavel, nascido e falecido em Florença, 1469-1527, é reconhecido como fundador do pensamento e da ciência política moderna, pela simples manobra de escrever sobre o Estado e o governo como realmente são e não como deveriam ser.

E é dele este sábio pensamento, escrito naquela época, mas que continua muito atual: “Os homens são tão simplórios, que se deixam de tal forma dominar pelas necessidades do momento, que aquele que saiba enganar achará sempre quem se deixe enganar”.

O espelho e seus reflexos

É de Mário Corso a observação de que todos os espelhos falam, pois há muitas almas dentro dele.

Diz ele que espelhos geram estranhos comportamentos. É que podemos usá-los para aumentar a percepção do tamanho de um ambiente.

No elevador inibe vandalismo. Sua presença simula um olhar, por isso, o usuário melhora seus modos.

Podemos imaginar um mundo paralelo ao nosso do outro lado do espelho. As crianças ficam em dúvida sobre qual é o verdadeiro lado. Um corredor de espelhos paralelos fornece imagens infinitas.

O espelho e seus reflexos...2

Espelhos são considerados portais para espíritos. Em uma casa em luto, tapam-se os espelhos para que a alma do finado não fique presa a ele.

Algo na condição de vampiro faz com que ele não tenha reflexo. Só essa mística justificaria os sete anos de azar para quem o quebra.

Apesar disso, espelhos não enganam. Ao contrário, trabalham sério e pedem pouco. Eles duplicam a imagem real e ponto, é só isso. Mas não é assim que percebemos.

O espelho e seus reflexos...3

O exemplo extremo nos é dado no quadro grave da anorexia. Mesmo o sujeito estando magríssimo, ainda segue vendo-se gordo no espelho.

A questão é que todos temos algum grau de dismorfia – a distorção que afeta o olhar da própria imagem.

Pode ser perene, como pode ser variável, quando o humor altera a percepção: tristes nos vemos feios, quando alegres nos vemos melhor.

O espelho e seus reflexos...4

Imaginem acordar com uma espinha no nariz. A maldita espinha fará um ponto de ancoragem negativo e o todo vai parecer prejudicado. Quem tem olheiras, por exemplo, só vai olhar para elas e se sentir um panda.

O espelho da madrastra da Branca de Neve falava. Sabemos que opinava sobre beleza, intrigas, mas não sabemos se tinha outras opiniões.

A voz dele era masculina, o que não surpreende, majoritariamente é o desejo masculino que faz girar a roda da obsessão feminina com a imagem perfeita e a juventude.

O espelho e seus reflexos...5

Se os espelhos não mentem, quem distorce? De onde vem a ilusão?

Nossa imagem corporal é construída com o que veio de fora. As percepções e memórias que guardamos sobre o olhar de quem nos criou, mais as amizades e identificações daquela época, tagarelam e debatem entre si a cada vez que encontramos nossa imagem.

É por isso que todos os espelhos falam, pois há muitas almas dentro dele.

O que podemos é tornar-nos mais lúcidos em relação a esse diálogo dominado pelo passado.

Lula e recomposição para universidades federais

O presidente Lula anunciou, na segunda-feira, a recomposição de valores cortados no Orçamento 2026 de institutos e universidades federais.

O corte foi aprovado pelo Congresso, em dezembro.

A confirmação foi dada por Lula e pelo ministro da Educação, Camilo Santana, ao Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif) e à Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes).

O valor destinado às universidades federais será de R\$ 488 milhões para investimento e custeio. Os cortes para as instituições representam em torno de 7% do enviado pelo Executivo ao Congresso no Projeto de Lei Ordinária Anual.

Esses cortes atingiriam verbas destinadas a despesas não obrigatórias, como contas de luz e água, bolsas acadêmicas, insumos de pesquisa e compra de equipamentos, as chamadas despesas discricionárias.



Grupo de amigas que viveram uma longa história de vizinhança fraterna na Praça Duque de Caxias, no João Paulo: Roseane Brandão, Beth Belchior, Sílvia Mochel, Luzia Waquim, Rosânia Carvalho, Márcia Mochel e Helena Duailibe Ferreira



Sistema Fecomércio inaugurando a nova Unidade do Sesc na região da Cohab e Forquilha

SESC E SENAC INAUGURAM NOVAS UNIDADES NA COHAB/FORQUILHA

O Sesc e o Senac tiveram um momento muito especial na última quinta-feira, dia 15, com a inauguração do Posto Avançado São Luís e do Sesc Cohab, um evento marcado pelo corte de fita simbólica em frente às unidades e pelo desceramento das placas de identificação dos empreendimentos.

Na entrada dos dois prédios, os convidados eram saudados por uma banda de música formada por professores e alunos das duas instituições.

Além disso, a cerimônia contou com a presença de diversas personalidades, dentre elas as autoridades do Sistema Fecomércio, Sesc e Senac, a Vice-prefeita de São Luís, Esmênia Miranda, empresários e a imprensa local.

As novas unidades foram implantadas na região da Cohab/Forquilha, uma área estratégica, com amplo comércio e movimentação de pessoas de diferentes pontos da cidade.

O Senac oferecerá à comunidade da região 19 cursos profissionalizantes em diversas áreas, laboratórios equipados para melhor atender os estudantes, além de instrutores qualificados.

O Sesc disponibilizará serviços voltados para a saúde e o bem-estar, como atendimento odontológico, fisioterapia, cursos e um restaurante com refeições nutritivas e acessíveis.

Durante a solenidade, Maurício Feijó destacou que a unidade do Sesc simboliza a materialização de um projeto construído com planejamento e compromisso social. "Sempre acreditamos que o Sesc precisa estar onde as pessoas estão. Esse polo representa a concretização de nosso sonho de levar mais

oportunidades à população. Quando aliamos sensibilidade social e planejamento, o impacto é real e transforma vidas", afirmou o presidente.

O diretor regional em exercício do Sesc Maranhão, Ribamar Cunha, ressaltou que o novo espaço reforça o papel social da instituição e amplia o alcance das ações do Sistema Comércio no estado. "A nova unidade Sesc nasceu com o propósito de acolher, integrar e transformar. Foi pensada para fortalecer vínculos comunitários, promover cidadania e reafirmar o papel do Sistema Fecomércio como agente de transformação social", destacou.

O Diretor Regional do Senac/MA, José Ahirton Batista Lopes, realçou no seu discurso, a implantação da unidade na região e os serviços que serão oferecidos à população: "O Posto Avançado São Luís preparará pessoas para os desafios do mundo do trabalho, que está em constante evolução. Aqui, serão oferecidos cursos e programas de treinamento atualizados, focados nas necessidades do mercado e nas tendências emergentes de diversas áreas, com a mesma marca e qualidade Senac" – declarou o diretor.

Segundo José Ahirton Lopes, a unidade está preparada para receber cerca de 240 pessoas diariamente, por meio da oferta de cursos de formação inicial, continuada e habilitação técnica de nível médio, nos segmentos de beleza, gestão, comércio, tecnologia da informação e moda.

O Posto Avançado São Luís também atuará por meio do Banco de Oportunidades, intermediando os egressos e as oportunidades de trabalho e realizando o acompanhamento do candidato.

O Presidente do Sistema Fecomércio, Sesc

e Senac, Maurício Feijó, destacou a concretização de um grande sonho com a implantação do Sesc e do Senac na região. O projeto, que recebeu investimentos superiores a 4 milhões de reais, foi concebido para atender empresários, comerciantes e toda a população, ampliando o acesso à educação e a serviços de qualidade.

A vice-prefeita de São Luís, Esmênia Marinho, esteve presente representando o prefeito Eduardo Braide e falou sobre a importância da educação para a transformação de vidas:

"O mercado de trabalho, às vezes, tem muita vaga, mas está precisando de gente capacitada. É a gente tem a educação como o principal caminho de transformação na vida das pessoas, a possibilidade de dar dignidade para as pessoas e de quebrar ciclos de pobreza. A educação, hoje, no país, tem sido a maior âncora de salvação das pessoas que buscam um futuro melhor, um futuro com mais dignidade", declarou a gestora pública.

A vice-prefeita ainda aproveitou a oportunidade para falar sobre a parceria da Prefeitura com o Senac, que resultou em uma nova unidade do restaurante-escola no Complexo Tapiche Santo Angelo, local que, no fim do ano passado, passou por um amplo processo de revitalização e agora é um espaço de valorização e produção de cultura, educação e diversos serviços para a população maranhense.

A inauguração do novo polo na Cohab/Forquilha reafirma o compromisso do Sistema Fecomércio, Sesc e Senac, com o desenvolvimento do Maranhão, fortalecendo a sua atuação como referência em inclusão, inovação e promoção da qualidade de vida da população.



Fotos/Divulgação/Herbert Alves

O diretor regional do Senac, José Ahirton Lopes com o presidente da Fiema, Edilson Baldez, a vice-prefeita de São Luís, Esmênia Miranda e o vice-presidente da Fecomércio-MA, Manoel Barbosa



Ana Célia e Maurício Feijó com o Repórter PH e a vice-prefeita de SL, Esmênia Miranda



Jeanne Nunes, Assessora de Relacionamento com Clientes, à empresária Célia Feijó, Maurício Feijó, presidente da Fecomércio e Maria Clara Lopes



Ribamar Cunha, diretor regional do Sesc em exercício, Maria de Jeuss Pereira, Gerente do Senac Posto Avançado São Luís e Rodrigo Meirelles, supervisor da nova Unidade Sesc



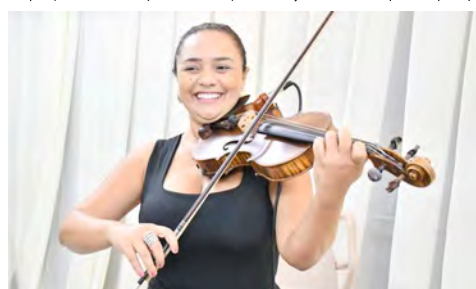
Mauro Borralho (Diretor Técnico do Sebrae), Maurício Feijó (presidente da Fecomércio), Ivanilde Sampaio (conselheira do Sesc) e Luzia Rezende (Secretária adjunta de Micro e Pequenas Empresas)



O diretor regional do Sesc (interino), jornalista Ribamar Cunha, discursando na solenidade



Maurício Feijó, presidente da Fecomércio, a empresária Célia Feijó, Esmênia Miranda, vice-prefeita de São Luís e Edilson Baldez, presidente do Sistema Fiema



A violinista Taynara deu um show à parte durante a programação



Maurício Feijó, presidente da Fecomércio e a vice-prefeita Esméria Miranda



Regina Soeiro, Diretora de Programas Sociais do Sesc MA e Rodrigo Meirelles, supervisor da nova Unidade Sesc



Dayvane Oliveira, Diretora Administrativa e Financeira do Sesc, Ivanilde Sampaio (Conselheira do Sesc MA), William Ribeiro Câmara (Conselheiro do Sesc MA) e Regina Soeiro (Diretora de Programas Sociais do Sesc)



Benilton Gonçalves, Conselheiro do Sesc MA e Presidente do Sincofarma-MA e Ribamar Cunha



O superintendente da Fecomércio-MA, Max de medeiros



Marcos Vinicius Godim e Maria Clara Lopes com o diretor regional do Senac, José Ahirton Batista Lopes



Antonio Sousa Pereira (conselho do Sesc MA), Antonio Josiel Santos (diretor da Fecomércio MA) e o diretor da Fecomércio Luiz Tarquinio Pereira



Alessandro Batista, gerente do Sesc Saúde, Edmilson Diniz, superintendente da Vigilância Sanitária do Estado e Patrícia Oliveira, coordenadora de assistência e saúde do Sesc



Ana Célia Feijó, Raimunda Holanda, Jeanne Lopes e Regina Soeiro



Edilson Baldez, presidente do Sistema Fiema e o Repórter PH

Risco da Terceira Guerra Mundial

Ninguém sabe que está em uma guerra mundial até estar, de fato, dentro dela. Elas nunca se anunciam com nome próprio. Quando a Alemanha do Terceiro Reich invadiu a Polônia, em 1º de setembro de 1939, ninguém chamou aquilo de Segunda Guerra Mundial. Da mesma forma, em 28 de junho de 1914, quando o arquiduque Franz Ferdinand e sua esposa, Sophie, foram assassinados em Sarajevo por um nacionalista sérvio-bósnio, poucos imaginaram que aquele atentado seria o ato número 1 da Primeira Guerra Mundial.

O que havia, nos dois casos, era algo menos visível: o contexto. O ambiente já estava preparado para o conflito.

Risco da Terceira Guerra...3

Quando esse caldo está pronto, a história passa a funcionar como uma engrenagem tétrica que gira sozinha. Alianças se ativam, afinidades se reconhecem, interesses se alinham. As peças de domínio começam a cair em sequência.

Foi assim quando Alemanha, Itália e Japão, em determinado momento, se envolveram e perceberam objetivos comuns – em 27 de setembro de 1940, nasceu o Eixo. Com esse cenário armado, bastaria alguém dizer, em voz alta: "O mundo está em guerra".

Guerras globais, obviamente, não são feitas de um único confronto, mas da soma de inúmeras guerras menores. É isso que torna o atual cenário geopolítico tão preocupante. A lógica das esferas de influência – grandes potências projetando força sobre zonas que consideram suas – volta a organizar as relações internacionais.

É um mundo dividido em esferas é, por definição, mais militarizado e instável.

Risco da Terceira Guerra...3

A Rússia avança para oeste ao invadir a Ucrânia e empurra a Europa para um processo acelerado de rearmamento.

No Oriente Médio, os Estados Unidos ameaçam o Irã, que fornece drones à Rússia e pode retaliar com ataques a Israel e à Arábia Saudita.

No Extremo Oriente, a China intensifica a pressão sobre Taiwan, aliada de Washington, enquanto militariza o Mar do Sul da China.

A Coreia do Norte, já nuclearizada, testa mísseis no Mar do Japão, provocando outro aliado americano.

No Hemisfério Ocidental, os Estados Unidos bombardeiam a Venezuela e ameaçam anexar a Groenlândia, desafiando aliados europeus e decretando, na prática, a morte da Otan.

Risco da Terceira Guerra...4

Por isso, a ameaça contra a Dinamarca (dona do território da Groenlândia) não pode ser tratada como mais uma bravata de Donald Trump.

Dentro da lógica histórica em que conflitos localizados escalam para confrontos globais, esses movimentos empurram o mundo perigosamente para a beira do abismo.

Some-se a isso a ascensão de radicalismos à direita e à esquerda, o descrédito de instituições, como a ONU, as crises econômicas e sociedades cada vez mais polarizadas.

O cenário estaria montado. Faltaria apenas alguém decretar, retrospectivamente, que a Terceira Guerra Mundial teria começado.

Risco da Terceira Guerra...5

Trump quer reviver as expansões dos EUA. Ao longo da história, o país já comprou ou anexou territórios como Louisiana, Flórida, Alasca, Ilhas Virgens, Porto Rico e a antiga Zona do Canal do Panamá – esta, devolvida em 1999.

Vida além do digital

Faço minhas e dos meus companheiros de geração – cheguei ao mundo no fim dos anos 1940 – as observações pertinentes do cronista Antonio Carlos Macedo, quando lembra que sua infância nos anos 1960 foi inteiramente analógica. O futuro era imaginado em revistas de quadrinhos e filmes de ficção científica. Mas nenhum super-herói foi capaz de prever a revolução digital que transformaria radicalmente o cotidiano décadas depois. Naquela época, nossa diversão cabia no tempo e no espaço do bairro: matins de cinema, televisão em preto e branco dividida com os vizinhos, brinquedos improvisados e brincadeiras que exigiam criatividade e interação social.

A rua era extensão da casa. Bola de gude, pião, bambolê, peteca, taco, futebol de meia, escondesconde e polícia e ladrão garantiam tardes inteiras de convivência. Em dias frios ou chuvosos, a socialização migrava para dentro de casa, em torno de jogos como moínho, dominó, damas, pegavaretas, mico ou batalha naval. A tecnologia mais sofisticada era o telefone de latas - e a gente jurava ouvir a voz do amigo do outro lado da "linha". Tudo exigia presença, toque e disputa.

Hoje, vivemos o oposto. Casas e escritórios tomados por telas, notificações incessantes, assistentes virtuais e uma IA capaz de executar as nossas tarefas com rapidez e precisão impressionantes. O excesso cobra seu preço: cresce o número de pessoas em busca de atividades analógicas como forma de desacelerar e respirar fora da internet. Não é nostalgia, nem rejeição à modernidade, mas a busca por equilíbrio. Esse retorno parcial ao offline vai além de um simples detox digital; é um esforço consciente de reconexão com o tempo real.



Em destaque, numa das mesas mais concorridas da noite, Ana Lúcia Albuquerque, Thatiana Bandeira, Marcone Athayde Rocha, Amaro Santana Leite, José Aparecido e Cida Valadão e Kátia Rocha

ENTRE AMIGOS NO BISTRÔ GRAND CRU

As noites de sábado no bistrô Grand Cru são marcadas por presenças de grande charme e que contribuem para tornas mais elegantes e charmosos os lugares de alta gastronomia desta Capital. A casa de Gabrielle e José Sobral Neto está sempre repleta de nomes que pontificam com muito charme na vida social da cidade.



Magno Vasconcelos, Mário Edson e Phill Moses Camarão



Luiza e Hélio Trucci



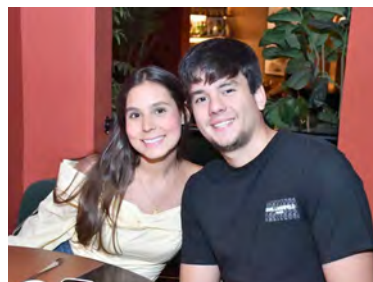
Alfredinho Dualibe com a filha Clarissa e a mãe Martha Mourane Dualibe



Thatiana e César Bandeira



O Repórter PH brindando com José Aparecido Valadão



Beatriz Dualibe e o namorado João Lucas



Kátia e Marcone Athayde Rocha



Amaro Santana Leite e Ana Lúcia



Braúlio Martins e Vany com as filhas



José Aparecido e Cida Valadão



Rita e Phill Camarão



Fábio Câmara e Sílvia



A cantora Morgana Storm e sua Banda



Alfredinho e Daniella Dualibe com as filhas Clarissa e Beatriz



Lycia Waquim ao lado do bolo de aniversário

TARDE FESTIVA PARA LYCIA WAQUIM

O bistrô Grand Cru, na Ponta do Farol, foi o local escolhido pela sempre bela Lycia Waquim, para comemorar sua nova idade com uma tarde festiva, reunida com a família e

alguns dos seus mais diletos amigos. Foi uma tarde muito animada com direito a bolo de aniversário, coro de parabéns a você e sopros de velas, além de saborear os deliciosos quitutes da casa.



Pâmela e Robério Rodrigues



Luzia Waquim com Isabela Waquim, Eduardo Nicolau e Istênio Brito



Isabela e Salim Waquim



Eduardo Nicolau e Lycia Waquim



Lycia Waquim com Raniere e Walquiria Moraes



Samyr Waquim com Monica Barbieri



Luzia Waquim com os filhos Salim, Lycia, e Laissa Waquim



Eduardo Nicolau e Isabela Waquim



Ludmila, Luzia e Isabela Waquim



Lycia Waquim com os filhos Ludmila, Isabela e Luiz Antonio



Laissa Waquim e Istênio Brito



Luiz Antonio com sua mãe Lycia Waquim



Lycia e Luzia Waquim com Ludmila e Isabela



Júnior Viana e Carol Ortega



O cantor Albert com Salim Waquim

Fotos/Divulgação/Herbert Alves

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

_evandrojr
@evandrojr



A promotora de eventos Anna Sousa e a influenciadora Ellane Vanessa no Camarote Unique, um dos espaços de sucesso instalados no Circuito Vem Pro Mar, na Avenida Litorânea. As duas, aliás, estão em conexão tocando projetos em parceria

Werther Bandeira assina curadoria na área de vinhos

Presentear com vinho ganhou novas camadas de significado. Mais do que escolher uma boa garrafa, a tendência é investir em acessórios que elevam a experiência e demonstram cuidado na escolha. Taças diferenciadas, saca-rolhas profissionais, decanters, aeradores e outros itens ligados a esse universo transformam o ato de degustar em um verdadeiro ritual, cheio de personalidade.

É exatamente essa a proposta que a Villa do Vinho vem reforçando ao apresentar curadoria de opções de presentes que vão além do óbvio. A loja aposta em acessórios que fazem a diferença para quem ama vinhos. Peças elegantes, funcionais e atemporais dialogam com diferentes perfis, idades e estilos, sempre com um toque de sofisticação.

A curadoria assinada por Werther Bandeira, que também é sommelier em formação, é um dos grandes diferenciais da Villa do Vinho. Seu olhar técnico, aliado à sensibilidade estética, garante uma seleção criteriosa de produtos que unem qualidade, design e propósito.



Werther Bandeira apresenta uma linha especial de produtos e acessórios de vinhos para presentes da Villa do Vinho



Mirella Castelo Branco com Oton Ima, Augusto Pestana e Kezya Saldanha no Camarote Beira Dumar

Camarote Stage reafirma identidade no Circuito Vem pro Mar



Camarote Stage experimentou casa cheia na abertura do circuito e neste domingo (25) tem mais festa

Camarote Beira Dumar é sucesso no Circuito Litorânea

Foi um sucesso a estreia do Camarote Beira Dumar no circuito de pré-Carnaval da Avenida Litorânea. Gerenciado pela mesma equipe do Casarão Beira Dumar, casa de eventos localizada na Avenida Beira-Mar, o espaço foi um misto de gente bonita, colorido, música, conforto e segurança.

A posição estratégica foi considerada por muitos um dos pontos fortes, já que é exatamente naquele trecho do circuito que os trios elétricos fazem uma parada mais duradoura, numa conexão direta com os foliões do espaço.

Foi um sucesso a estreia do Camarote Beira Dumar no circuito de pré-Carnaval da Avenida Litorânea. Gerenciado pela mesma equipe do Casarão Beira Dumar, casa de eventos localizada na Avenida Beira-Mar, o espaço foi um misto de gente bonita, colorido, música, conforto e segurança.

A posição estratégica foi considerada por muitos um dos pontos fortes, já que é exatamente naquele trecho do circuito que os trios elétricos fazem uma parada mais duradoura, numa conexão direta com os foliões do espaço.



Espaço ficou lotado e os foliões ainda curtiram as apresentações do próprio camarote, como foi o caso do show da banda Os Tropix

O Camarote Stage deu início à sua temporada no pré-carnaval do Maranhão reafirmando sua força e identidade no circuito. Logo no primeiro dia de programação, o espaço registrou camarote esgotado e reuniu um

público que buscava mais do que assistir à festa: viver uma experiência completa.

Localizado na Avenida Litorânea, com vista privilegiada, o Stage tem a maior varanda e ofereceu uma

vivência marcada por organização e conforto. O acesso aos ambientes, os bares, as áreas de convivência e as atrações funcionaram de forma integrada, contribuindo para que o público aproveitasse cada momento com leveza e intensidade.

O Lacnar Laboratório e do Natus Lumine Hospital e Maternidade, farão a abertura de suas novas unidades integradas no São Luís Shopping. As duas operações passam a dividir um mesmo espaço em breve, reforçando o conceito de atendimento completo em um único endereço.

A novidade foi anunciada durante visita técnica às obras, conduzida por Rafaela Braid, diretora do Lacnar Laboratório, e Tiago Fortes, diretor do Natus Lumine. A inauguração das operações está prevista para 2026.

A integração entre hospital e laboratório é um dos diferenciais do projeto. A nova unidade contará com serviços médicos, exames de imagem e análises clínicas em um mesmo ambiente, reduzindo deslocamentos e otimizando o tempo dos pacientes, atributo cada vez mais valorizado em grandes centros urbanos.



Diretores do Natus Lumine Hospital e Maternidade e Lacnar Laboratório, Tiago Fortes e Rafaela Braid, com o gerente geral do São Luís Shopping, Washington Macário